

SUMMER INSTITUTE OF LINGUISTICS (SIL)

SUMMER INSTITUTE OF LINGUISTICS ou simplesmente *Summer*, Instituto Lingüístico de Verão (ILV), teve seus inícios em 1934, fundado pelo norte-americano William Cameron Townsend (1896/1982), com experiência missionária entre os nativos do grupo Cacchiqual, da família lingüística Quiché, populações sediadas na região da Capital da Guatemala. Após 14 anos de trabalho, chegou à convicção de que a Bíblia deveria ser traduzida na língua dos povos a ser evangelizados. Em 1942, em sociedade com o pastor e lingüista protestante, Kenneth L. Pike (atual presidente emérito do SIL), criaram na Universidade de Oklahoma os cursos de verão, muito em voga nos países anglo-saxões. Surge então os *Wycliffe Bible Translators* (WBT), associação internacional de tradutores da Bíblia, sediada em Huntington Beach, Los Angeles, com filiais em mais de 30 países, inclusive no Brasil. John Wycliffe que emprestou o nome à entidade, era um reformador inglês do século XIV, precursor do Anglicanismo.

Desde a fundação em 1935 até nossos dias, o Summer Institute of Linguistics já deu cursos de línguas nativas a mais de 18.000 (dezoito mil) estudiosos desses idiomas em geral ágrafos. As aulas são de caráter prático, intensivas, sem preocupações de teorias filológicas mas, ultimamente, com atenção à Antropologia Cultural.

De acordo com seu próprio Relatório, dado à estampa em Brasília (abril de 1973), o SIL entrou no Brasil em fins de 1956, "atendendo a convites de órgãos científicos deste país que tomaram conhecimento dos estudos lingüísticos e antropológicos feitos por seus elementos em outros países das Américas e do mundo oriental". Em meados de 1972, por ocasião do VII Congresso Interamericano de Indigenismo, em Brasília, o fundador do *Sum-*

mer, W. C. Townsend recebeu menção honrosa de “Benfeitor dos Grupos Humanos Lingüisticamente Isolados nas Américas, em reconhecimento à sua dedicação insofismável em benefício dos povos indígenas”. Àquela altura já fora agraciado pelo Governo Brasileiro com a insígnia da Ordem do Cruzeiro do Sul.

Objetivos principais de seu programa no Brasil: realizar estudos comparativos e descritivos das línguas indígenas, reduzindo-as à forma escrita; traduzir para as línguas estudadas livros de valor moral e cívico, assim como porções da Bíblia; promover o interesse pela ciência lingüística e por estudos da investigação científica de outros aspectos da vida das tribos indígenas; em colaboração com outras entidades; proporcionar ao indígena melhores condições de vida, tudo sem fins lucrativos — bem claro.

De 1956 a 1972 cumpriu o SIL no Brasil trabalho extraordinário, gigantesco mesmo, em matéria de pesquisas e publicações referentes às falas de nossos índios. Estudaram as equipes do Instituto os Palicures na fronteira do Amapá com a Guiana Francesa, os Apalais no Pará, os Denis e Macus no Amazonas Ocidental, dezenas de grupos no Mato Grosso e Goiás. Guaranis e Caingangues do Sul, Maxacalis em Minas Gerais, enfim 38 campos de ação, mais de duzentos trabalhos publicados e outros tantos arquivados. A colheita, entretanto, cientificamente falando, tornou-se ainda mais “abençoada” no último período de 1973 a 1980, justamente quando o *Summer* caiu nas desgraças do Governo, tendo de encerrar sua presença entre as populações autóctones em fins de 1977. A relação bibliográfica do SIL ou Instituto Lingüístico em Brasília (1981) exhibe uma opulência de serviço no rol da antropologia e, sobretudo, da lingüística indígena como ninguém nunca jamais o viu em brasileiras terras. Apenas a título de amostra: publicação de 428 produções literárias de autoria indígena, vale dizer, es-

critos dos próprios aborígenes; 108 trabalhos gerais de Lingüística e Antropologia, 66 de Lingüística Aplicada; 225 arquivados no Museu Nacional do Rio de Janeiro e na Fundação Nacional do Índio (FUNAI). Foram estudados e pesquisados 52 falares índios em sua maior diversidade. Em cômputo geral, com pouco mais de vinte anos de presença no Brasil o SIL trouxe a lume mais de 800 (oitocentas) obras, algumas de alto valor científico.

O primeiro convênio do Summer Institute com o Ministério do Interior através da FUNAI, se deu em 1969, renovado em 1973 para perdurar até 31 de dezembro de 1977. Nesta ocasião era ministro Rangel Reis (de nenhum conhecimento da causa índia e ainda menos sensibilidade por ela) e presidente da Fundação o general Ismarth Araújo de Oliveira. Em abril de 1976 surgem os primeiros sinais de uma “guerra planejada” contra a presença das equipes do SIL entre os indígenas brasileiros, por coincidência através de denúncias e suspeitas do Conselho Indigenista Missionário — CIMI (O Est. de S. Paulo, 08-04-76): teme-se que os lingüístas norte-americanos comprometam o equilíbrio cultural dos índios “com a importação da ideologia do país matriz a que eles pertencem”... “esvaziamento da cultura indígena”, etc. e quejandos chavões balofos. Mas as baterias contra o Instituto de Lingüística foram abertas pelo próprio Ministro do Interior, Rangel Reis, em declarações à imprensa no final de dezembro de 1976. Passando por cima ou, talvez, ignorando o artigo 49 do Estatuto do Índio, Sua Excelência afirmou que o ensino bilíngüe constitui “perda de tempo e uma maldade com as crianças índias”, forçadas a estudar duas línguas, a do grupo tribal e a portuguesa. Na esteira dessa itempestiva manifestação oficial choveram opiniões e mais opiniões contra a atuação dos lingüístas estrangeiros nas áreas indígenas.

De grande aliado do órgão governamental de assistência ao Índio (César, 1972:15), passou o SIL à condição de bode expiatório das antipatias provocadas ao ri-

gido regime Geisel pelo inexperiente e puritanista Presidente Carter em suas insistências sobre direitos humanos. E ninguém saiu em defesa dos abnegados pesquisadores do Tio Sam, nem mesmo a FUNAI ou seu Presidente que tanto se valeram das pesquisas e das ajudas materiais e logísticas do agora repudiado Instituto. Também o CIMI da Igreja Católica cujos missionários tantas vezes se abeberaram de seus generosos e eficientes cursos de línguas indígenas, não deixou, através de seu secretário-executivo, P. Antônio Iasi Jr., de lançar pedras nos desditosos irmãos evangélicos (jornais de 25-11-77). O periódico PORANTIM (set. de 80, março de 82), porta-voz do CIMI, não perde vaza em denegrir o trabalho do SIL. Em meio ao vozerio de acusadores gratuitos e de passionalismo ignorante, levantou-se alguém em defesa dos missionários ianques: o professor de Línguas Indígenas da Universidade de Campinas, Dr. Aryon Dall'Igna Rodrigues (Folha de São Paulo, 06-12-77). Apenas uma dúzia de lingüistas brasileiros pesquisam em outras áreas fora das missões religiosas; das 120 falas nativas, apenas 40 tinham sido atingidas pelo pessoal do Summer. Portanto, há campo de sobra para estudiosos nacionais.

Resultado do chauvinismo supersticioso tupiniquim: mais de 40 grupos indígenas, do Amazonas ao Paraná, ficarão sem a assistência e os estudos do SIL até que passe esta onda de ignorância e subdesenvolvimento. Eis os nomes das tribos atingidas: Apalai, Apinajé, Apuriná, Assurini, Atroari, Bacairi, Bororo, Cadiuéu, Cainganguê, Caiuá, Camaiurá, Carajá, Caripuna, Caritiana, Caiabi, Caiapó, Canela, Cintas-Largas, Deni, Guajajara, Guarani, Hixcariana, Jamamadi, Juma, Macus (3 grupos), Mamaindê, Maxacali, Mundurucu, Mura-Pirahã, Nhambicuara, Oiampi, Palicure, Pareci, Parintintim, Paumari, Ricbactsa, Saterê, Suruí, Terena, Urubu-Caapor, Uaurá e Xavante.

Ninguém ignora que o SIL constitui uma organização científico-cultural de notória motivação espiritual com objetivo precípua de traduzir a Bíblia nas cinco mil ou mais línguas até agora conhecidas. Para o conhecimento de nossas culturas aborígenes, textos bíblicos traduzidos de supetão revelam-se de valor relativo, porquanto refletem situações de culturas antigas, distantes no espaço e no tempo, tendo pouco a ver com os ameríndios. Todavia demonstraram os sócios do Summer, máxime pela publicação do livrinho "Educação Indígena — Metodologia e Programação" (1978), que vinham desenvolvendo trabalhos de padrões educacionais cientificamente defensáveis. Sua estratégia se baseava em doze etapas, adaptadas às peculiares necessidades de cada grupo nativo, visando à plena participação das respectivas comunidades. Nada de amadorismo, como é de praxe entre nós brasileiros.

Se tudo o que aconteceu não fosse de per si grande perda de irreparáveis prejuízos para um cabal conhecimento de nossos linguajares nativos, é sintomática a posição, nomeadamente da FUNAI em declarando que, até 1977, o *Summer* ainda não tinha apresentado resultados concretos de suas pesquisas. A partir de então, tudo caiu no mais ingrato obívio como se "nada tivesse acontecido no Castelo de Abrantes". Este recesso forçado, porém, não esmoreceu a fé dos lingüistas evangélicos. Nesta pausa de reflexão dedicam-se silenciosamente à faina de burilar os resultados de suas pesquisas de campo, brindando o público estudioso com obras de notável valor científico. A ingratidão por parte dos órgãos governamentais raiou pelos lindes de injustificável obscurantismo, como se infere de recente livro da FUNAI, "A verdade sobre o índio brasileiro" (Rio de Janeiro 1981, p. 51) em que, sobre os longos anos de atividades do SIL, constam estas poucas e frias linhas: "A FUNAI também promoveu, em colaboração com o Summer Institute of Linguistics, seminários para a produção de literatura

indígena, com a participação de escritores de diversas tribos dos Estados do Pará, Amazonas e Território de Rondônia.”

O que as pessoas de bom-senso todos esperamos é que a ausência dos integrantes do Summer Institute of Linguistics não se prolongue demais entre as tribos indígenas do Brasil, a fim de que não ocorra coisa análoga à expulsão dos Jesuítas em meados do século XVIII, quando cerrado sudário abafou qualquer manifestação cultural por parte dos índios e de seus abnegados protetores e pesquisadores. Com respeito ao desenvolvimento da lingüística nativa, o golpe atual produzirá perdas ainda mais consideráveis que as da vesânia pombalina em 1759.

* * *

Observação final: Não impende aqui contestar as demais ridículas acusações assacadas contra a lisura e honestidade dos pesquisadores norte-americanos que estariam a serviço de empresas multinacionais, prospectando e perfurando poços de petróleo, etc., etc., e, mesmo, “atentando contra a Segurança Nacional”. Integrado por sócios voluntários de 24 diferentes países, o SIL, além da motivação lingüística, vela também pelo bem-estar do grupo étnico pesquisado, convencido do muito que se pode aprender de qualquer comunidade cultural com idioma próprio.